

## A glória do divino Virgílio: linhas de leitura para uma compreensão do Livro V, *O Crítico*<sup>1</sup>

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO  
*Universidade Católica Portuguesa*

**Abstract:** It is a book made up of 17 chapters which aims to point the way to the full training of a poet. According to Scaliger, that task should be methodical and include two fundamental criteria, imitation and critical judgement. Since the beginning, to the detriment of Homer, Virgil is mentioned as an example of the utmost perfection. That intention will be recurrently underlined throughout the text by resorting to the adjective *diuinus* to qualify the Mantuan poet.

**Keywords:** Greek literature; Latin Literature; Humanism; poetics; poetical art; Aristotle; Homer; Horace; Virgil, Scaliger.

Dezassete são os capítulos deste livro. No primeiro deles, Escalígero, depois de uma breve referência aos livros anteriores, onde analisou, de forma segura e correcta, como acredita, todas as partes da poética, passa a indicar o assunto do Livro V: proporcionar a formação de um poeta completo, sem dúvida metodicamente segundo dois critérios, o da imitação e o do juízo crítico. Separados, embora, por sua própria natureza, é forçoso que se unifiquem precisamente neste, isto é, na pessoa do poeta (Vogt-Spira 1998: 42):

*Poeticae partes omnes recte ut spero atque exacte satis exsecuti sumus. Reliquum est, ut ex his praeceptis poetam perficiamus idque duplici via ac ratione, imitatione scilicet ac iudicio. Quae duo suapte natura divisa necesse est in ipso coniungi.*

É uma ideia próxima de Quintiliano (*Inst.* 10.2.3): a imitação, diz ele, é prejudicial se não se aplicar com prudência e com sentido crítico. Horácio também aceita o princípio de que a poesia é imitação (*A. P.* 9-10), como ficou celebrizado pela expressão *ut pictura poesis* (*A. P.* 361), que coloca no mesmo plano a pintura e a obra literária.

---

<sup>1</sup> Esta colaboração é o resultado da nossa participação no Projecto HUM2005-00026/FILO, financiado pela Dirección General de Investigación do Ministerio de Educación de España.

Contudo, não basta imitar a perfeição, é preciso saber dar-lhe homogeneidade, unidade, construir um todo. Daí a sua preferência pelo verosímil, pois a natureza não permite fantasias irracionais.

Servem estas palavras para introduzir a questão da imitação: se, em boa verdade, ela não é indispensável, pois os primeiros poetas não tiveram modelos a seguir, contudo, hoje em dia, parece que se torna imprescindível para a maior parte de nós que, para mal destes tempos, somos estrangeiros na nossa própria língua:

*Ac tametsi non est imitatio necessaria; non enim primi quem sequerentur habuere; nostrum tamen maximae parti expetenda uidetur, qui tempestatum iniuria in lingua patria peregrini sumus.*

O humanista italiano, contrariamente a muitos teóricos do Renascimento — autores da *Pléiade*, como Ronsard e Joachin Du Bellay; os italianos como Giovan Giorgio Trissino, Pietro Bembo e Sperone Speroni — confessa a sua preferência pelo uso do latim em detrimento do vulgar. E logo de seguida, o discurso reflecte a grande contenda da época em torno da questão do ciceronianismo, num tom irónico que visa enfraquecer a figura de Erasmo.

Com efeito, uma das reacções mais virulentas ao tratado *Ciceronianus* (1528) de Erasmo veio de França e saiu da pena precisamente de Júlio César Escalígero, que publicou dois discursos, respectivamente, no primeiro dia de Setembro de 1531 e em 1537: *Iulii Caesaris Scaligeri Oratio pro M. Tullio Cicerone contra Desiderium Erasmum Roterodamum* e *Iulii Caesaris Scaligeri Aduersus Desiderium Erasmi Roterodami Dialogum Ciceronianum Oratio Secunda*. Em Portugal, um dos primeiros que veio a revelar ecos desta polémica foi o humanista eborense André de Resende, como testemunha a *Oratio pro rostris*, pronunciada na abertura solene do ano académico da Universidade de Lisboa, em 1534.

Segundo Escalígero, os Bárbaros, ao suprimirem, de uma forma desagradável, a imitação de Cícero, haviam de alcançar, sem dúvida, um resultado de igual mérito: aqueles que nos dissuadiam da sua imitação

fizeram com que ninguém os tenha considerado dignos de serem imitados:

*Barbari uero cum Ciceronis imitationem odiose sustulissent, paria sane fecere, ut qui nos ab illius imitatione dehortarentur, effecerint, ut ne se dignos quidem putauerit quispiam quos imitaretur.*

E se outros, até, como o próprio Horácio, zombaram da imitação, vê-se que sem ela não teriam sido capazes de muito, acrescenta ele:

*Alii uero inter quos Horatius cum uniuersam irriderent imitationem, sine illa non multum uidentur potuisse.*

E acrescenta, de imediato, ironicamente: na verdade, ele próprio que tinha apelidado os imitadores de *bando servil* (*Ep.* 1.19.19), colocou os pés nestes lugares, dos quais Lucílio havia suprimido as marcas:

*Ipse enim, qui servum pecus imitatores appellasset, in iis pedem locis posuit, e quibus vestigia sustulerat Lucilius.*

Horácio, com efeito, havia de condenar os imitadores servis de um modelo, os tradutores que vertiam literalmente os textos gregos (*A. P.* 133-134). E, na sequência destes versos da *Arte Poética*, Homero é apresentado como o melhor modelo a seguir.

A fechar este primeiro capítulo, a tónica discursiva retoma a reflexão inicial acerca da primazia do juízo crítico. Acrescenta-se, agora, que a sua acção se há-de revelar de dois modos complementares: em primeiro lugar, para escolher aquilo que é melhor para se imitar, isto é, o melhor modelo; depois, para examinar atentamente e até reprovar aquilo que foi executado por nós como se se tratasse de matéria estranha (Vogt-Spira 1998: 44):

*Iudicium igitur duplex adhibendum est: primum, quo optima quaeque seligamus ad imitandum; alterum, quo ea quae a nobis confecta fuerint quasi peregrina perpendamus atque etiam exagitemus.*

Com efeito, é mais vantajoso que se faça isto com a nossa obra, a fim de ela alcançar a suprema perfeição, do que virmos a sofrer logo que tal tarefa for realizada pelos escrupulosos críticos e venhamos a

descobrir, a partir do seu julgamento, que nós mesmos fomos os traidores da nossa própria causa:

*Hoc enim praestat nostra fieri opera, ut perfectionem inuictam consequantur, quam pati, ut cum a morosis insectatoribus id effectum fuerit ex eorum iudiciis nostri nosmet ipsos desertores fuisse videamus.*

O poeta ideal na busca da perfeição deve submeter os seus versos a um exercício contínuo de correcção, o *labor limae*: ao talento natural deve juntar-se o estudo, pensamento idêntico ao poeta Venusiano (A. P. 295-305, 379-390, 453-476). Quintiliano também releva a unidade desta dicotomia (*Inst.* 2.19.2; 12.5.2), assim como Cícero (*Arch.* 7.15-16). Simultaneamente, deve dar-se a obra a um crítico honesto, que se corte o que não é digno de ser publicado; segundo ele, o exemplo de crítico íntegro é o seu amigo e poeta Quintílio Varo, também próximo de Virgílio (A. P. 419-452). Estas são ideias também partilhadas por autores quinhentistas portugueses, embora em vernáculo: António Ferreira, Sá de Miranda e Correia Garção.

Para que se possa não só ter a prática desta faculdade do juízo crítico mas também obter o seu proveito, Escalígero formula o propósito de empreender duas tarefas muito consideráveis e até excessivas em prol da arte literária: em primeiro lugar, neste livro, vai colocar lado a lado as passagens dos poetas que trataram do mesmo assunto; depois, no seguinte, isto é, no Livro VI, vai examinar se aquilo que foi dito pelos antigos não pode ser dito de uma forma melhor (Vogt-Spira 1998: 46):

*Horum igitur iudiciorum ut et usum habere et ex eo fructum consequi possimus, duo maxima atque ingentia facinora in re litteraria aggressi sumus: unum hoc libro, ut Poetarum loca qui eadem de re scripserint conferamus; alterum in sequenti desperato paene periculo, ut quod ab antiquis dictum an melius dici queat dispiciamus.*

Após esta introdução minuciosa, tornava-se necessário escolher entre a Grécia e Roma. Daí o tema que se propõe tratar, a comparação dos autores gregos com os latinos: *Graeci cum Latinis*. É um *agon* memorável, em que as duas civilizações se fazem representar, em primeiro lugar, por Homero e Virgílio (cf. *Inst.*, 10.46 e 85); da sua

colação, ver-se-á mais facilmente que espécie de juízo crítico se deve fazer dos outros autores. E visto que a poesia consiste em duas coisas, os pensamentos e as palavras, vamos começar, em primeiro lugar, pelos pensamentos:

*Primum igitur Graecos Latinosque inter se conferemus. Ac primum quidem primos, Homerum atque Vergilium, ex quorum comparatione cuiusmodi iudicium de aliis faciendum sit constabit facilius. Duo igitur cum sint quibus constat poesis, res et uerba, de rebus primum uideamus.*

Neste segundo capítulo, Escalígero vai apontar claramente a superioridade de Virgílio relativamente a Homero. O vate mantuano, só ele, é o melhor entre todos, logo com valor idêntico a todos e a cada um deles. Homero espalhou, Virgílio juntou; aquele dispersou, este reuniu. Por isso, Homero, quando nos ensinou dois modelos da nossa vida, a destreza política na *Odisseia* e a militar na *Iliada*, haveria de os exibir como duas características em dois varões; Virgílio a ambas juntou num único Eneias, a quem, como dissemos, também havia de juntar algures a piedade (Vogt-Spira 1998: 48):

*Vnum esse inter omnes unicum, singulis autem instar omnium. Fudit Homerus, hic collegit; ille sparsit, hic composuit. Homerus ergo cum uitae nostrae duas instituerit rationes, civilem prudentiam in Ulyssaea, militarem in Iliade, easque tamquam duas species in duobus uiris ostendisset, in uno utramque Aenea composuit Maro, cui etiam sicut alibi diximus addiderit pietatem.*

E mesmo na Grécia, Homero é superado pelo poeta Museu. E, nesta sequência, Escalígero cita passagens de *Hero e Leandro*. Ora isto mostra claramente um equívoco: na verdade, o autor deste epílio é um poeta grego menor, com o mesmo nome, mas que viveu já no século V ou VI da nossa era. Não se trata, como se verifica, do poeta lendário pré-homérico, discípulo de Orfeu (Vogt-Spira 1998: 50):

*Arbitror enim ego Musaei stilum longe esse Homericopolitorem atque comptiorem, quod ut clarius pateat aliquot uersus adducere coactus sum.*

Pensamento idêntico acerca da superioridade de Virgílio é reiterado no fim deste capítulo, anunciando já o seguinte, onde vai tratar do estilo e do ritmo (Vogt-Spira 1998: 62):

*Haec atque alia quam plurima sunt, quibus Homeri res re Vergiliana longen minor est. Nunc quae ad phrasin numerosque pertinent videamus.*

No terceiro capítulo, bastante longo, vai trazer à colação numerosas passagens de Homero e de Virgílio. As primeiras palavras vão para os epítetos homéricos, muitas vezes triviais, pueris ou incorrectos para os excertos: na verdade, o que é que convém a um Aquiles que chora ser apelidado de pés rápidos? Ora se o nosso poeta chama *pai* a Eneias, em muitos passos, fá-lo naquele sentido em que se consagrou o apelido de Júpiter, visto que veneraram Júpiter como pai, porque, como diz Porfírio, todas as famílias se haviam de rever nele; do mesmo modo, Virgílio chama *pai* a Eneias, pois estaria na origem dos Romanos (Vogt-Spira 1998: 64):

*Homeri epitheta saepe frigida aut puerilia aut locis inepta. Quid enim convenit Achilli flenti πόδας ὠκύς? Quod si noster poeta patrem vocat Aeneam multis in locis, id eo modo facit quo dictum est cognomen Iovi; quippe Iovem patrem sunt venerati, propterea quod (ut ait Porphyrius) ad eum omnes familiae referrentur, sic Aeneam patrem vocat, qui Romanorum principium esset...*

Fala-se, agora, da coerência entre a *elocutio* e o *argumentum*, que contribui para a perfeição da obra. Ao bom poeta pede-se uma obra que desafie o tempo, isto é, que seja perene (C. 3.30.1), dizia Horácio cerca de dez anos antes da publicação da sua *Arte Poética*. Mas a perfeição absoluta é de todo impossível, pois o homem é finito nas suas capacidades (A. P. 353).

A *tempestatis collatio* vai ocupar, mais à frente, as atenções do nosso humanista: a frota de Eneias, zarpando da Sicília, encontra-se a caminho de Itália, mas Juno implora a Éolo que desencadeie uma tempestade que arraste para o fundo mar os troianos. A futura Cartago e a sua rainha Dido vão ser o porto de abrigo no norte de África. Em face dos

versos do Canto V da *Odisseia* (vv. 291-296), sublinha a perfeição destes (*eorum perfectionem*) do Canto I da *Eneida* (vv. 82-89), acrescentando que isso pode ter sido suficiente para Homero, que até se havia contentado com menos coisas, mas não para aquele homem divino, Virgílio, que discerniu esta como que certa universalidade a partir de circunstâncias particulares (Vogt-Spira 1998: 74):

*Poterant Homero satis haec esse, cui pauciora quoque fuerant satis,  
at non illi divino viro, qui hanc quasi quandam universitatem  
particularibus casibus discriminavit.*

A *draconis comparatio* de Virgílio é *magnífica*, ideia reiterada a propósito da *fluminum comparatio*: aos vários símiles de Homero, Virgílio, de uma única vez, há-de colocar um só acima de todos aqueles (Vogt-Spira 1998: 104):

*Fluminum multas fecit Homerus comparationes, noster semel tantum  
illis omnibus unam anteponendam.*

Elementos da natureza, como os lobos, os astros, os leões ou as águias são outros tantos motivos dos numerosos símiles que se hão-de analisar dos dois autores clássicos. Todas estas passagens, diz Escalígero, quase a concluir este capítulo, com muito trabalho foram transcritas para serem sujeitas a uma mais rigorosa análise do juízo crítico; também poderíamos encontrar outras que se podem juntar a estas. Pensámos, contudo, que estas seriam suficientes para proveito daqueles que imitam. Por isso, Virgílio deve ser para nós o exemplo dos princípios, a regra, a meta a alcançar. Com efeito, do mesmo modo que António, em Cícero, diz acerca dos poetas — *eles parecem falar uma língua diferente da latina* — também para nós é habitual dizer-se acerca de Virgílio: *todos os outros poetas parecem ter usado uma língua que não é a da poesia*. Para se tornar excelente, deve estabelecer-se para ti um só princípio: a eleição é, no poeta, o seu mérito mais elevado e também o motivo da sua insatisfação (Vogt-Spira 1998: 300, 302):

*Haec sunt, quae multo labore descripta maiore iudicii periculo in  
medium adducta sunt, alia quoque inveniantur quae hisce addi possunt.*

*Verum satis haec putavimus esse ad imitantium utilitatem. Cuius exemplum regula principium finis esse debet nobis Maro. Nam quemadmodum Antonius apud Ciceronem de poetis: videntur enim ipsi alia lingua quam latina locuti, ita a nobis de Vergilio dici solet: ceteri alia lingua quam poetica mihi usi videntur. Unum tibi, ut excellens sis, proponendum est: electionem summam esse in poeta virtutem et sui fastidium.*

O *divinus* Virgílio, como tantas vezes é apelidado, vai, agora, no quarto capítulo, ser comparado com outros poetas gregos que não Homero, para que nada venha a faltar à suma perfeição desta obra; a primeira avaliação compreende a riquíssima descrição do vulcão Etna depois de Píndaro (Vogt-Spira 1998: 308):

*Placuit Homeri locis in unum congestis caput seorsum alio iudicio cum reliquis quoque poetis Vergilianam excellentiam comparare, nequid ad summam huiusce operis perfectionem desideretur. Ac primum luculentissimam Aetnae descriptionem ex Pindaro perpendamus.*

O texto virgiliano (*Eneida*, 3.570-577) acabará por ser preferido ao de Píndaro (*Píticas*, 1.19-22): segundo há-de mostrar Escalígero, tanto quanto poderá ser feito, e não obstante algumas objeções já veiculadas por Aulo Gélio (*Noites Áticas*, 17.10), aquela passagem é igual à natureza e bem superior à de Píndaro:

*... a nobis hoc loco quoad fieri poterit ostendetur naturae par, Pindaro longe maior.*

Passando em silêncio Hesíodo, cuja obra, na sua totalidade, nem com um único verso das *Geórgicas* se pode comparar, avança-se para a análise de algumas passagens de Teócrito, para se ver até que ponto é que elas se afastam, como se diz, da elegância latina (Vogt-Spira 1998: 322):

*Omisso Hesiodo, cuius universa opera ne cum uno quidem versu Georgicon sunt comparanda, videamus quae loca Theocriti adeo Graeca sunt, ut Latinam quemadmodum aiunt respuant venustatem.*

Entramos, assim, no quinto capítulo, que vai rematar com uma invectiva aos gramáticos; um pequeno número de juízos corrompidos e a esterilidade da sua erudição conduziram-nos à leviana afirmação de que



Teócrito havia superado Virgílio. E isto não obstante ser do conhecimento de todos que Sileno, Títyro, Polião e Méris são bucólicas suas e que nenhuma das suas partes parece ser possível aproximar de Teócrito (Vogt-Spira 1998: 350):

*Silenum vero et Tityrum et Pollionem et Moerim totas illius esse constat, ita ut nullis locis ad eum Theocritus aspirare posse videatur. Quare pauci corruptique iudicii infelicissimae eruditionis grammatici exuant perditam illam temeritatem, qua professi sunt a Theocrito Maronem superatum.*

No capítulo seguinte, Escalígero inicia a sua reflexão, discutindo a influência da *Argonáutica* de Apolónio de Rodes no Canto IV da divina *Eneida*:

*Similis impudentia eorundem, cum audent agnoscere quartum divini operis ex Apollonii Argonauticis deductum.*

À colação hão-de ser chamados versos ainda das *Metamorfoses* de Ovídio, de Catulo, de Claudiano e de Valério Flaco. Por isso, depois de examinar passagens de Virgílio inspiradas em Apolónio, o humanista vai falar dos restantes poetas, a começar por Horácio, propósito que anuncia na abertura do capítulo VII (Vogt-Spira 1998: 414):

*Cum Maronis aliquot loca ex Apollonio excuteremus, ad Flaccum usque provecti sumus. Nunc ad reliquos transeundem. Ac de Horatio quidem ita sentimus...*

O génio de Ovídio, acrescenta no início do oitavo capítulo, fica a dever-se, em parte, a esta ou aquela passagem que tomou de empréstimo dos gregos (Vogt-Spira 1998: 416):

*Ovidii ingenium multis maius est visum, quam ut quicquam de Graecis mutuaretur.*

As referências gregas apontadas são Hesíodo e Calímaco.

Escalígero deixa indicações claras, agora, de que se encaminha para o fim da primeira parte do livro. Com efeito, acerca daquilo que os poetas latinos puderam encontrar junto dos gregos, isto há-de ser suficiente, diz ele: não é pouca coisa, nem é muita. Porque nós não podemos

avaliar isto como se fôssemos supervisores ou administradores junto do seu senhor, mas do mesmo modo que tudo aquilo nos pareceu o melhor para despertar e consolidar a imitação de um poeta excelente, assim também, por fragmentos, isso foi acolhido e exposto por nós (Vogt-Spira 1998: 428):

*Quae igitur nostri de Graecis parare potuerunt, haec sint satis: neque pauca neque omnia. Non enim tamquam atrienses aut dispensatores apud herum putamus rationes, sed ut quaeque optima visa sunt ad excitandam constituendamque nobilis poetae imitationem, ita a nobis carptim et accepta et proposita sunt.*

A fim de que nada falte realmente a obra tão completa, olhemos também atentamente para isto, acrescenta ainda ele: porventura algum dos Gregos terá estabelecido a sua medida métrica junto da regra dos nossos? E a verdade é que, entre os Gregos, Opiano é tão sublime e com tal ritmo que é um destes que parece ter-se aproximado do zêlo de Virgílio:

*Nunc vero ne quid desit tam perfecto operi, contemplemur id quoque, an Graecorum ullus ad nostrorum regulam suas direxerit dimensiones. Atque Oppianus quidem inter Graecos adeo sublimis est, adeo numerosus, ut eorum unus ad Vergilianam diligentiam aspirasse videatur.*

Os poetas latinos menores Grácio Falisco e Nemesiano, assim como os poetas gregos Arato, da Cilícia, amigo de Calímaco e Nicandro, todos eles aproximadamente do século III a. C., são outras tantas referências, a par ainda de Homero e de Valério Flaco.

A segunda parte desta obra é dedicada a uma análise comparativa entre os autores latinos. Inicia-se o capítulo com uma pequena retrospectiva do caminho já trilhado: segundo pensa Escalígero, não se fez uma comparação com um número reduzido ou vulgar de exemplos, a fim de se poder encontrar um meio para representar a natureza das coisas. Com efeito, não se imita o que disseram os nossos antepassados de um modo diferente daquele com que eles imitaram as próprias coisas (Vogt-Spira 1998: 448):

*Neque paucis neque plebeis exemplis comparatum nobis puto,  
ut inire possimus rationem rerum naturas exprimendi. Neque enim alio  
modo imitamur, quae dixerint priores, quam illi res ipsas imitati sunt.*

Por isso, o humanista interroga-se sobre o que é preferível que venha a acontecer: ou somos ajudados pela invenção dos outros e certamente não só vemos aquilo que eles viram como também aquilo que nos deixaram ver por si e não foi visto por nós; ou nós, injustamente, somos criticados por isto, visto que, uma vez que fomos precedidos, raramente podemos acrescentar algo de melhor ao que eles têm de bom. De facto, depois de o divino Virgílio ter corrigido o estilo livre e relaxado de Homero, os poetas posteriores com dificuldade inventaram o que dizer ou um modo diferente de o fazer:

*Vbi haud parum dubitandum est, utrum potius eveniat nobis:  
iuvemurne aliorum inventione — videmus enim et quae viderunt illi et  
quae nobis non visa sibi videnda reliquerunt — an premamur iniquius;  
quippe praeventi raro meliora possumus addere bonis. Nam posteaquam  
liberum laxumque dicendi genus ex Homero castigavit divinus Maro,  
posteriores poetae quid quove modo dicerent vix invenere.*

Por todas estas razões se justifica que os talentos latinos se devem comparar entre si, para que esta obra se torne ainda mais magnífica com a sua avaliação (Vogt-Spira 1998: 450):

*Quare Latinorum quoque ingenia sunt inter se conferenda, quorum  
iudicio nostri operis apparatus fiat luculentior.*

Segue-se uma indicação muito breve acerca do percurso que agora se inicia. Em primeiro lugar, alguns capítulos dedicados a assuntos consagrados pela tradição; depois, aquilo que tiver algo de proveitoso será tratado como se apresenta. E anuncia de imediato que o décimo primeiro capítulo se vai ocupar do tema da peste, elegendo a terceira geórgica virgiliana como a obra mais polida, tendo superado o louvor ou a crítica de todos os homens:

*Primum igitur certis materiis quasi capita quaedam statuuntur,  
deinde si quid praeterea fecerit ad rem, ut sese illa dabunt, excipientur.*

*A pestilentia placuit incipere, quae in tertio limatissimi operis vicit  
omnium mortalium vel laudem vel obtreccionem.*

As passagens citadas vão referenciando, sucessivamente, autores como Virgílio (*Georgica*), Lucrecio (*De Natura rerum*), Sílio Itálico (*Punica*), Ovídio (*Metamorphoses*) e, por último, Lucano (*Pharsalia*).

A tempestade é o tema do capítulo seguinte. Diz Escalígero que um não menor desejo de celebridade poética estimulou os artistas na descrição de uma tempestade; há-de ele narrar a sua grandiosidade, em primeiro lugar, com os versos do poeta divino (Vogt-Spira 1998: 470):

*Non minor affectatio ad poeticam gloriam erexit ingenia in descri-  
benda tempestate. Cuius magnitudinem ex divini viri numeris primo loco  
explicemus.*

Depois de citar os versos da *Eneida* (84-91), conclui que se trata verdadeiramente de um terror que tem a sua origem numa tempestade repleta de ameaças e que aqui é bem melhor pintada que descrita (Vogt-Spira 1998: 472):

*Profecto horror ex apparatu minacissimae tampestatís hic est pictus  
potius quam dictus.*

De novo se evocam Lucano e Ovídio, mas também Vitruvius (*De Architectura*), Estácio (*Thebaida*) e Valério Flaco (*Argonautica*): os versos do primeiro canto deste último poema (638-642) são, na sua totalidade, uma imitação de Virgílio (Vogt-Spira 1998: 490):

*In quibus sese ille ad Maronis imitationem totum comparavit.*

Depois disto, vamos poder comparar, a partir dos diferentes poetas, o aparato das batalhas, combates singulares, múltiplos golpes, acidentes e mortes em diversas situações. Nós fomos de opinião de que nos devíamos afastar disto para não se transcrever a totalidade da obra dos próprios poetas. Por isso, vamos agora para outros temas, principalmente para as imprecações:

*Ab his poteris proeliorum apparatus atque singulas congressiones,  
varias plagas, eventus, mortes diversis ex poetis conferre. Quibus nos*

*supersedendum rati sumus, ne auctores ipsi integri describerentur.  
Quocirca nunc ad alia, atque imprimis ad diras.*

E para autores como Ovídio (*Heroides, Ibis, Metamorphoses*), Virgílio (*Eclogae, Aeneis*), Homero (*Odisseia*), Horácio (*Epodi*), Séneca (*Hercules Furens, Oedipus*), Claudiano (*In Rufinium Libri II*), Catulo, Valério Flaco (*Argonautica*), Estácio (*Thebaida*) e mesmo Marcial.

Agora, com os numerosos símiles — nas páginas do décimo quarto capítulo —, vamos iluminar a boa sorte ou a diligência ou o cuidado escrupuloso ou a abundância transbordante ou uma crença receosa. Acerca do leão são eles bastantes frequentes, dos quais é permitido observar a sua variedade nas seguintes passagens (Vogt-Spira 1998: 508):

*In comparationibus autem deprehendemus manifestam vel  
felicitatem vel curam vel anxietatem vel exuberantiam vel meticulousam  
superstitionem. Sunt autem frequentiores de leone, quarum varietatem in  
hisce spectare licet.*

Os ursos, os touros, o javali, o lobo, o cavalo, a serpente, a águia e a serpente, a fénix, os golfinhos, o cativo do animal selvagem, os corvos, as abelhas, são outros tantos motivos que inspiram os numerosos símiles; mas também os há com Marte, Ceres, Diana, as Amazonas e o gigante Encélado, a que se juntam mais alguns, agora não já de animais, mas acerca da peste, da queda das folhas, dos cometas, da tempestade, do mar, dos ventos, da neve, dos rios e da queda das rochas.

E conclui este capítulo com uma síntese: até agora tivemos o cuidado de transcrever as comparações que pudemos abarcar pela nossa memória. E também não posso ignorar que outras poderiam ter sido aduzidas. E foram omitidas por nós aquelas que nos pareceram menos dignas de serem expostas minuciosamente. Porém, antes de completarmos este assunto, creio que o nosso trabalho vai ficar bem posicionado se nós examinarmos em que pensamentos acerca da natureza das serpentes é que Lucano está de acordo com Nicandro (Vogt-Spira 1998: 592):

*Hactenus quas memoria potuimus complecti describendas  
curavimus comparationes. Neque sum nescius alias quoque adduci*

*potuisse. Et omissae sunt a nobis aliquae minus dignae visae quas persequeremur. Ceterum antequam locum hunc claudamus, bene collocatum iri operam nostram puto, si quibus sententiis in serpentum natura conveniat cum Nicandro Lucanus videamus.*

Curioso referir que Quintiliano (*Inst.* 10.1.90) atribui a Lucano o papel de modelo para oradores e não para poetas.

As primeiras palavras do décimo quinto capítulo vão sublinhar, como se torna recorrente ao longo desta obra, a glória de Virgílio. Não é sem grandes benefícios que se vão comparar estes dois poetas, pois, efetivamente, nenhum dos dois é um poeta vulgar: Lucano é um poeta incómodo com as suas ideias, Nicandro de Cólofon, um poeta grego provavelmente do séc. II a. C., é muito cuidadoso com as palavras e a métrica. Com dificuldade se pode encontrar entre os Gregos poeta mais elegante: tem ele uma grande preocupação de nada dizer inadequadamente ou de um modo impróprio. Portanto, ele descreve as suas serpentes do modo mais brilhante, com aquele brilho e elegância com que Virgílio tanta fama alcançou nas *Geórgicas*. Lucano, porém, como é seu costume, afasta-se de tudo isto:

*Non sine magno usu duo hi poetae comparabuntur; neuter enim vulgaris. Lucanus sententiis anxius, Nicander verbis atque numeris accuratus. Vix invenias apud Graecos poetam politioem; magna ei cura, ne quid ineptum aut inepte dicat. Itaque nitidissime suos describit serpentes, quo nitore atque elegantia tantum acquisivit gloriae in Georgicis Maro. Lucanus autem suo more omnia ponit in excessu.*

Depois dos comentários a passagens escolhidas dos *Theriaca* e do Canto IX do poema *Pharsalia*, avançamos para um novo capítulo, dedicado, agora, a diversos símiles inspirados noutros passos.

Escalígero espera, assim, ter anunciado algo de importante a favor do princípio da imitação. Para que isto seja ainda mais completo, devem ainda ser explicadas por nós todas as outras passagens em que homens ilustres imitaram a natureza em todos os seus aspectos ou num deles em particular. Ora tenho vontade de começar pelo peixe torpedo, a partir do qual havemos de mostrar de que modo é que os Gregos foram superados pelos Latinos nas matérias restantes (Vogt-Spira 1998: 602):

*Spero me aliquid attulisse momenti ad imitationis rationem. Quae ut absolutior sit, expedienda sunt nobis cetera quoque loca, in quibus illustres isti viri vel naturam omnes vel alium alius expressere. Libet vero a torpedine auspicari, in qua quemadmodum in ceteris Graecos a Latinis superatos ostendamus.*

Os primeiros versos são dos *Halieutica*, do poeta grego Opiano, “poetae sane maximi atque elegantissimi”. Vão ocupar, de seguida, o lugar da reflexão, o carro de Ceres, as sereias e a tempestade. Como não só Arato mas também Virgílio, no Canto I da obra perfeita, Valério Flaco, no Canto I dos *Argonautica*, e Lucano, no Canto V da *Pharsalia*, enumeram os sinais de uma tempestade ameaçadora — os dois primeiros poetas porque a isso obriga o assunto; os últimos, porém, sem medida, e não sem alguma ostentação — não quis Escalígero fazer de modo quase a saturar aqui os nossos ouvidos com o excesso do nosso honesto trabalho (Vogt-Spira 1998: 620):

*Tempestatis autem signa imminentis cum et Aratus et Vergilius in primo perfecti operis et Valerius Flaccus in primo Argonauticon et Lucanus in quinto — illi quidem duo exigente id rei argumento, hi immodice nec sine ostentatione — recenseant, nolui facere, ut paene iusti operis implem hic aures satietate.*

Muitas outras matérias são chamadas à colação, sempre na perspectiva de fazer sobressair o estilo majestoso de Virgílio, autor da obra divina. Sem dúvida que chamar para aqui todas as passagens de Sílio Itálico que ele reuniu por si para demonstrar a autoridade de Virgílio, diz Escalígero, será mais do interesse de um gramático, que deve dar a conhecer o seu rigor, do que daquele homem que, através do seu juízo crítico, se vai propor fazer uma exposição minuciosa das virtudes da poesia. Aquele que quiser dirigir a sua atenção para isto, que lhe dedique o seu esforço pessoal. Agora examinemos os poucos casos que restam (Vogt-Spira 1998: 714):

*Sane Silii huc adducere omnia loca, quaecumque sibi comparavit ad effingendam Vergilii maiestatem, grammatici potius intererit ad diligentiam ostentandam quam illius, qui suo iudicio poeseos virtutes*

*sese persequi profiteatur. Proinde qui eo volet animum advertere, singularem ponet operam. Nunc pauca quae supersunt videamus.*

E continua: tratam o mesmo assunto Grácio Falisco e Nemesiano, entre nós; entre os Gregos, Opiano. Este é um grande poeta como já foi dito, por nós, muitas vezes. Eu não ousaria comparar algum dos Gregos com este. Por isso, também sou de opinião, diz Escalígero, que os nossos dois nomes foram de longe superados por aquele, pois eu sempre expliquei que a divindade virgiliana foi imitada pelo espírito deste poeta único. Estou tão longe de acreditar que se poderiam comparar os versos daqueles com os deste. E embora aos dois os considere vulgares, prefiro a pureza e o estilo harmonioso de Grácio, enfim, a sua criatividade e a sua ordem. Isto será suficientemente claro para quem examinar cuidadosamente tudo ponto por ponto. Além disso, no livro seguinte, acrescentaram-se mais algumas coisas não inúteis para este juízo. Por isso, avancemos para o que resta:

*Idem tractat argumentum Grattius et Nemesianus apud nos, Graecis Oppianus. Magnus hic poeta sicuti saepe a nobis dictum est. Quicum Graecorum neminem ausim comparare. Quamobrem nostros quoque duos hosce ab illo puto longe superatos; quippe cuius unius spiritu Vergilianam divinitatem repraesentatam semper iudicavi. Tantum abest, ut cum huius numeris illorum versus conferri posse rear. Atque eos quidem ambos cum plebeios iudicem, Grattii puritatem atque rotunditatem, denique inventionem et ordinem antepono. Id quod singillatim perpendenti omnia satis patebit. Ceterum in sequenti libro non inutilia quaedam huic iudicio addita sunt. Quare ad reliqua transeamus.*

O último capítulo deste livro é dedicado ao início e ao fim das obras literárias. Segundo Escalígero, embora homens tão ilustres se tenham acercado do início e do fim das obras, segundo aquelas leis, depois de isso ter sido explicado, já nada terá restado desta empresa para nós. Os Gregos, na verdade, fazem logo uma invocação e, simultaneamente, juntam a essa invocação a proposição do assunto. Os nossos colocam-na em primeiro lugar; depois é que suplicam o auxílio, não sem grande razão, como já dizíamos noutra lugar. Com efeito, como eles resolvem cantar a diversidade e a importância não só das coisas des-



conhecidas, mas até mesmo as almas, é provável que eles não possam alcançar isso a não ser entusiasmados pelo espírito dos deuses imortais. Em suma, uns invocaram as musas, outros Febo, alguns, um só dos outros deuses; Lucrécio, Vénus, muito habilmente, pois é a fundadora da nação romana, cuja língua ele há-de escrever; e além disso, ela ocupa o primeiro lugar da genealogia, cujo inícios, origens e elementos ele expõe (Vogt-Spira 1998: 718, 720):

*Principia vero et fines operum quibus legibus tanti viri aggressi sint, ubi declaratum fuerit, nihil iam huiusce operae supererit nobis. Ac Graeci quidem statim invocant; simul invocationi admiscent argumenti propositionem. Nostri hanc primo loco; deinde implorant opem haud sine magna quod alibi dicebamus ratione. Cum enim etiam rerum abditarum, etiam animorum momenta atque discursus canere instituant, verisimile est non nisi deorum immortalium spiritu afflato ea consequi posse. Alii igitur Musas, alii Phoebum, nonnulli unum quempiam ex ceteris diis invocarunt: Venerem Lucretius aptissime, quae sit auctor Romani generis, cuius lingua scripturus sit, tum autem princeps generationis, cuius principia, causas, elementa profitetur.*

Outros poetas, quando consagravam a homens ilustres os seus livros, como se os tratassem à maneira de divindades, ousaram suplicar-lhes protecção para os seus poemas. Foi deste modo que o príncipe dos poetas dirigiu as suas preces a Octávio, assim como Lucano a Nero, Valério Flaco a Vespasiano, Estácio a Domiciano, Ovídio a Germânico. Este último, na realidade, só de passagem (Vogt-Spira 1998: 720):

*Alii poetae cum viris illustribus libros suos dedicarent, quasi pro numine haberent ipsos, ausi sunt ab eis petere carminum suorum praesidium. Sic poetarum princeps ad Octavium convertit vota sua, sic ad Neronem Lucanus, ad Vespasianum Flaccus, Statius ad Domitianum, Ovidius ad Germanicum, atque hic quidem leviter.*

Os autores antigos, temendo os plagiários, colocavam o seu nome nas obras. Virgílio, por exemplo, fê-lo com algum pudor no início da *Eneida*, em versos rejeitados pela editores mas citados no comentário à sua obra feito pelo gramático romano e professor de S. Jerónimo, Élio Donato.

Com efeito, sublinha Escalígero, entre os antigos, segundo a tradição, não só se inscrevia o nome do autor nos títulos da obra como também logo no seu início. Deste modo, procederam todos os Árabes e Caldeus, bem como os velhos profetas: a visão do Ezequiel, o julgamento do Abdias... Da mesma forma em Heródoto, da mesma forma em Tucídides. Horácio é o mais inflamado na recomendação da sua obra (Vogt-Spira 1998: 729-730):

*Et erat apud priscos in more positum, ut non titulis solum ascriberent nomen, sed operis statim principiis apponerent. Sic omnes Arabes et Chaldaei ac prophetae veteres: Visio Azahelis, Iudicium Abdiae... Sic Herodotus, sic Thucydides. Horatius inflator in operis sui commendatione.*

E termina o humanista com uma citação do poema épico *Pharsalia*. Lucano, porém, quase como um verdadeiro profeta, antecipou a sua queda com estes versos, que não estão no fim da obra, pois está inacabada, mas no canto IX: “Pois se alguma coisa às musas do Lácio é lícito prometer, / por quanto tempo há-de subsistir a fama do poeta de Esmirna...” E assim sucessivamente.

É este, portanto, o fim dos poemas, com o qual também nós queremos colocar termo a este nosso trabalho tão longo e tão perseverante (Vogt-Spira 1998: 728, 730):

*Lucanus autem quasi verus vates praevenit exitium suum his versibus, qui non in fine operis quippe imperfecti, sed in nono sunt:*

*Nam siquid Latii fas est promittere Musis,  
quantum Smyrnaei durabunt vatis honores.*

*et cetera.*

*Hi fines igitur poematum, cum quibus nos quoque tam longo tamque pertinaci labori finem faciamus.*

O poeta de Esmirna é Homero. E o tom da sua invocação revela o espírito empenhado da literatura deste escritor cordovês, que repudia o domínio da tradição, da imitação dos modelos gregos. É assim que neste poema épico, a *Parsalia*, se encontram ausentes os deuses e o homem

romano luta simplesmente pela sua liberdade. Um espírito assim, que impressionava pelo seu génio, só havia de aspirar a uma recompensa neste principado despótico de Nero: o suicídio. A ordem para o fazer chegar-lhe-ia às mãos no dia 30 de Abril de 65.

A estrutura deste livro da Poética de Escalígero faz-nos recordar os *Saturnalia* do erudito e gramático latino Macróbio (séc. V d. C.), como já foi dito por Jacques Chromarat. Dos sete livros dedicados ao seu filho, quatro vão ocupar-se de Virgílio: III-VI. O tópico fundamental do diálogo fictício é a *Eneida* que, enquanto síntese do conhecimento da humanidade, eleva o seu autor à categoria de sábio universal. Os interlocutores são, entre outros, dois gramáticos, eminentes intelectuais do paganismo: Símaco e Sérvio.

Também o grande propósito deste livro é apontar Virgílio como exemplo da máxima perfeição, em detrimento de Homero. Como pudemos verificar, esta intenção há-de ser sublinhada frequentes vezes ao longo do texto, com o recurso ao adjetivo *diuinus* para qualificar o vate mantuano.

A divinização de Virgílio implica assumir que a poesia floresce apenas sob a influência divina, uma concepção que o aproxima, sem dúvida, do pensamento do literato grego Cássio Longino, autor do célebre tratado *Do Sublime*, de Cícero (*Arch.* 8.18) e mesmo de Petrarca. Na medida em que este livro se limita a expor os resultados de diferentes comparações acerca dos mesmos assuntos, também se deve afirmar que esta prática se afasta da ideologia da *Pléiade*. Com efeito, o seu mentor, Bartolomeu Ricci, através do tratado *De imitatione*, propõe como elemento primordial da *imitatio* a *aemulatio* com o modelo eleito.

O humanista italiano, Escalígero, optou por uma *dispositio* que favorece a assimilação da ideia da superioridade da cultura romana. Dividiu o livro V claramente em duas partes: na primeira, comparam-se os poetas gregos com os latinos; na segunda parte, fixa-se quase exclusivamente na literatura latina. E termina da forma mais clarividente: até quando há-de ainda perdurar a fama de Homero?!...

Horácio, como vimos, é quase ignorado. Mas isso deve-se a uma estratégia de colocar Virgílio acima de todos os poetas. Como sabemos, o Venusiano indicava Homero como o mais perfeito dos poetas, tendo ficado famoso o verso *quandoque dormitat Homerus* (A. P. 359). Essa superioridade afirma-se sobretudo no plano estilístico, como se depreende do confronto das passagens da *Eneida* e da *Ilíada*.

A defesa do ciceronianismo no primeiro capítulo, eco da diatribe literária que manteve com Erasmo de Roterdão, aponta já para este final. Com efeito, o Arpinate, pela voz de Cipião, em *A República*, vai proclamar a individualidade da cultura romana, que não é inferior à grega (1.22.36); já no livro seguinte (2.15-16, 28-30), reforça esta ideia quando atribui à civilização romana qualidades próprias, não obstante a importância da cultura grega em Roma.

De referir que tudo isto sucede no âmbito do humanismo francês que, no século XVI, postulava a superioridade da cultura grega; por isso, a exaltação de Virgílio pode ser interpretada como uma cedência à sua naturalidade italiana. Por outro lado, esta afirmação também se poderá aceitar se tivermos em atenção a teoria da origem natural da poesia: assim, na sua evolução, a forma mais alta de expressão poética estaria identificada com este poeta augustano.

## SÍNTESE DO LIVRO

### I. *Introductio* [cap. 1]

1. De imitatione et iudicio [cap. 1]

### II. *Graeci cum Latinis comparantur* [caps. 2-10]

1. Graeci cum Latinis [cap. 2]
2. Homeri et Vergilii loca [cap. 3]
3. Comparatio locorum Vergilii et aliorum Graecorum quam Homeri [cap. 4]
4. Comparatur cum Theocrito Vergilius [cap. 5]
5. Vergilii loca ex Apollonio [cap. 6]
6. Horatii et Graecorum comparatio [cap. 7]
7. Ovidii cum Graecis comparatio [cap. 8]
8. Oppiani cum aliis comparatio [cap. 9]

### III. *Latini cum Latinis comparantur* [caps. 10-17]

1. Latini cum Latinis comparantur [cap. 10]
2. Pestilentia [cap. 11]

3. Tempestas [cap. 12]
4. Dirae [cap. 13]
5. Comparationes [cap. 14]
6. Lucani cum Nicandro [cap. 15]
7. Comparationes ceterorum locorum variae [cap. 16]
8. Conferentur principia et fines [cap. 17]

## Bibliografia

- BALAVOINE, C. & LAURENS, P. (eds.) (1986), *La statue et l’empreinte: la poétique de Scaliger*. Paris.
- CICERO (1989), *Cicéron, Discours, Tome XII: Pour le Poète Archias*. Texte établi et traduit par Félix Gaffiot. Paris.
- COSTIL, P. (1943), “La question homérique et l’évolution du goût littéraire en France”: *Annales de l’Université de Grenoble*, 19 (1943) 95-168.
- FERRARO, Rose Mary (1971), *Giudizi critici e criteri estetici nei Poetices Libri septem (1561) rispetto alla teoria letteraria del Rinascimento*. The University of North Carolina Press.
- HORACIO FLACO, Quinto (1984), *Arte poética*. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa.
- HORACIO FLACO, Quinto (1998), *Arte poética*. Estudio, traducción y comentarios de Manuel Mañas Núñez. Cáceres.
- SÁNCHEZ MARÍN, José Antonio (1997), “Los Poetices Libri Septem de Julio César Escalígero”: José María Maestre Maestre, Joaquín Pascual Barea y Luis Charlo Barea (eds.), *Humanismo y Pervivencia del Mundo Clásico: Homenaje al Profesor Luis Gil*. II.2. Alcañiz - Cádiz, 837-853.
- REBELO, António Ribeiro (1997), “Imitação”: *Biblos: Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa / São Paulo, coll. 1158-1170.
- SCALIGER, Jules-Cesar (1994), *La Poétique. Livre V: Le Critique*. Genève.

- SOARES, Nair de Nazaré Castro Soares (1996), *Teatro clássico no século XVI. A Castro de António Ferreira*. Coimbra.
- TORRÃO, João Manuel Nunes (2000), “A tempestade no *De Gestis Mendi de Saa*”: Sebastião Tavares de Pinho e Luísa de Nazaré Ferreira (Coord.), *Actas do Congresso Internacional “Anchieta em Coimbra — Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)*. Vol. II. Porto, 639-652.
- VOGT-SPIRA, Gregor (ed.) (1998), *Iulius Caesar Scaliger, Poetices libri septem*, Vol. IV: *Liber V*. Stuttgart-Bad Cannstatt.

\* \* \* \* \*

**Resumo:** Trata-se de um livro com dezassete capítulos, que tem por objectivo principal indicar o caminho para a formação completa de um poeta. Segundo Escalígero, essa tarefa deve ser metódica e compreender dois critérios fundamentais, a imitação e o juízo crítico. Desde o início que, em detrimento de Homero, Virgílio é apontado como o exemplo da máxima perfeição; esta intenção há-de ser sublinhada frequentes vezes ao longo do texto, com o recurso ao adjectivo *diuinus* para qualificar o vate mantuano.

**Palavras-chave:** Literatura Grega; Literatura Latina; Humanismo; poética; arte poética; Aristóteles; Homero; Horácio; Virgílio; Escalígero.

**Resumen:** Se trata de un libro con diecisiete capítulos, cuyo objetivo principal es indicar el camino para la formación completa de un poeta. Según Escalígero, esa tarea debe ser metódica y abarcar dos criterios fundamentales, a imitación y el juicio crítico. Desde el principio se apunta a Virgilio, en perjuicio de Homero, como el ejemplo de la máxima perfección; esta intención será subrayada en frecuentes ocasiones a lo largo del texto, recurriendo al adjetivo *diuinus* para calificar al vate mantuano.

**Palabras clave:** Literatura Grega; Literatura Latina; Humanismo; poética; arte poética; Aristóteles; Homero; Horácio; Virgílio; Escalígero.

**Résumé:** Il s'agit d'un livre avec dix-sept chapitres, qui a pour but essentiel d'indiquer le chemin pour la formation complète d'un poète. Selon Scaliger, cette tâche doit être méthodique et posséder deux critères fondamentaux, l'imitation et le jugement critique. Virgile est, dès le début, et au détriment d'Homère, indiqué comme l'exemple le plus parfait; cette intention se trouve clairement énoncée au long du texte, l'adjectif *diuinus* servant à qualifier le poète de Mantoue.

**Mots-clé:** Littérature Grecque; Littérature Latine; Humanisme; poétique; art poétique; Aristote; Homère; Horace; Virgile; Scaliger.